

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

268

INSCRIÇÕES 895-897



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2024

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



NOVA ARA A JÚPITER DE IDANHA-A-VELHA (*Igaedis*)
(*Conventus Emeritensis*)

Ara de granito róseo, recolhida há alguns anos no leito do rio Ponsul, a jusante da antiga ponte de Idanha-a-Velha, no local conhecido como Beiradas¹, por Sebastião Lopes, morador no Adingeiro, lugar da freguesia de Monsanto da Beira².

O monumento deverá ter feito parte dos muros que marcavam as margens antrópicas da linha de água que abraça a povoação. Estes, que podem remontar ao século XVII, ajudavam a orientar o curso do rio e a gestão do seu caudal, estabelecendo um controlo das cheias e uma ordenação do usufruto produtivo das pequenas hortas que bordejam o rio e os acessos ao alfoz.

Em 1801, o erudito e polígrafo galego José Andrès Cornide de Folgueira y Saavedra (1734-1803), ao serviço da Real Academia de la Historia, de Espanha, visitou Idanha-a-Velha numa missão

¹ LACERDA (Sofia), OSÓRIO (Marcos) e CARVALHO (Pedro C.), «Contributo para o estudo do povoamento rural de *Igaedis* (*Civitas Igaeditanorum*) através de um mapa de usos potenciais da terra (MUPT)», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 2019, p. 213-228. Na p. 236 identificam no local um *tugurium*. Alguns anos antes, Joaquim Baptista já havia referenciado vestígios romanos nesse local: BAPTISTA (Joaquim), *Subsídios para a carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha*, Vila Velha de Ródão, 1998, p. 61.

² O monumento foi transportado para a residência do achador, local onde ainda hoje se encontra. Agradecemos ao senhor Sebastião Lopes, entretanto falecido, e à sua esposa todas as facilidades que nos concederam para o registo desta nova ara.

de identificação de monumentos epigráficos romanos, tendo relatado que a aldeia já estava “*reducida a un miserable Pueblo que habitan 25 vecinos alojados en casas fabricadas con las piedras que salieran de sus murallas*”. Apontou, também, algumas das modificações do urbanismo da localidade, nomeadamente a sua ponte, que ainda hoje é classificada de romana: “*Sobre el río Ponsul hubo un puente romano que arrancaba desde la puerta oriental; pero habiéndoselo llevado el río, se edificó con las piedras que quedaran se él otro más abajo y éste creo el de que dieron noticia al Padre Higuera, que dice tenía cinco ojos*”³.

A ara está completa, registando-se apenas escoriações no capitel e algum desgaste na face epigrafada, sobretudo ao nível do campo da linha 2. O capitel (Fig. 1) é fora de comum, apresentando-se orlado de toros e com uma cavidade quadrangular delineada em toda a sua extensão, de molde que nos faz hesitar na classificação tipológica do monumento: crê-se ser uma ara, mas essa característica do capitel levaria a supor tratar-se da base de uma estátua, o que as dimensões parecem, por outro lado, enjeitar. Está trabalhada nas quatro faces, o que pressupõe a sua visibilidade autónoma. Separou-se o capitel do fuste por platibanda e faixa directa. Na base, a molduração é de garganta reversa. No conjunto, um monumento a seguir as regras clássicas na sua tipologia (Fig. 2).

Dimensões: 62 x 29 x 28 cm.

Campo epigráfico: 42 x 29 cm.

IOVI · O(*ptimo*) · M(*aximo*) / [...] VILI[?] / SERENVS /
V(*otum*) · A(*nimo*) · L(*ibens*) · S(*olvit*)

³ ABASCAL (Juan Manuel) e CEBRIÁN (Rosario), *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid: Real Academia de la Historia, 2009, p. 697; SALVADO (Pedro), «Idanha-a-Velha: um rosto periférico da memória: elementos para a história do património igitano», *Memória e história local: colóquio internacional realizado em Idanha-a-Nova*, Coimbra: Palimage, 2010, p. 207-255; PIÑERO RIVAS (Carlos), «El devenir de la historiografía moderna en España durante el siglo XVIII: aportaciones de José Cornide», *Tiempos Modernos: revista electrónica de historia moderna*, vol. 8, nº 33, 2016, p. 35-65.

A Júpiter Óptimo Máximo. (...) Sereno cumpriu o voto de livre vontade.

Altura das letras: 4 / 5 cm. Espaços interlineares: 2: 3; 3: 3; 4: 5 cm.

A inscrição ocupa $\frac{3}{4}$ do campo epigráfico, a denunciar que se destinava a ser lida de um nível inferior ao olhar do observador. Linhas bem espaçadas, a denotar gosto por parte do *ordinator*. *Puncti* de separação circulares. Caracteres actuários, mas com boas reminiscências da letra capital quadrada. Deste modo, atendendo à paleografia, não se desdenharia em lhe atribuir uma datação do século I da nossa era.

Na l. 1, apercebendo-se de que não teria espaço bastante para escrever as siglas de identificação da divindade no mesmo módulo com que iniciara a epígrafe, o lapicida esculpiu o O ligeiramente abaixo do nível inferior da linha e o M mais abaixo ainda e comprimido. O I de *Iovi* é mais alto que as demais letras, como frequentemente sucede.

Na l. 2, mesmo socorrendo-nos das imagens obtidas com os programas que Alexandre Canha teve a generosidade de nos proporcionar (Fig. 3), o desgaste inicial da superfície é grande e não permite identificar os caracteres que ali terão sido gravados.

Na l. 3, o *cognomen* SERENVVS, do dedicante, lê-se sem dificuldade: S bem simétrico, R não fechado, caracteres de traço vertical. Há, pois, duas hipóteses de reconstituição da l. 2: contém o *praenomen* (*Caius*?) e o *nomen* de *Serenus* ou eventual epíteto de Júpiter. Na verdade, só se logram distinguir, no final, as letras VILI. Um *nomen* (por exemplo, [SER]VILI[VS] ?) ou, dada a possibilidade de ali estar um dativo em -i, um epíteto de Júpiter, que não logramos identificar?

A fórmula dedicatória final insere-se no que é habitual.

Temos, pois, mais um testemunho do culto a I. O. M. em *Igaedis*, a juntar aos que Manuel Leitão compilou⁴ e a cujo rol se juntará também na Lusitânia.

Serenus é *cognomen* latino de que Iiro Kajanto, no seu

⁴ LEITÃO (Manuel), *Fontes epigráficas para o estudo do culto a Júpiter em Portugal*, Castelo Branco: Euedito, 2022.

tempo, registou cerca de 150 testemunhos⁵, que não terá, porém, até ao momento, duas vintenas de testemunhos na epigrafia peninsular⁶. Foram 5 os exemplos encontrados na Lusitânia⁷. Atendendo à possibilidade de o dedicante estar identificado com os *tria nomina*, sem indicação de filiação, terá sido, mui provavelmente, um indígena romanizado.

JOAQUIM BAPTISTA
PEDRO MIGUEL SALVADO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



FIG. 1

⁵ KAJANTO (Iiro), *The latin cognomina*, Helsinki, 1965, p. 26.

⁶ Cf. ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia, 1994, p. 505.

⁷ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas antroponimico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, p. 298, mapa 273.



FIG. 2



FIG. 3

895

ÁRULA A JÚPITER ÓPTIMO MÁXIMO, DE MEDELIM
(*Conventus Emeritensis*)

Árula recolhida durante a realização de obras na casa apalaçada da família Castel-Branco, situada no centro da aldeia de Medelim, freguesia do concelho de Idanha-Nova¹.

De granito de grão fino, o monumento foi utilizado como amoladeira, uso que provocou um grande desgaste na sua face lateral e no campo epigráfico. A modelação do altar, no recorte do seu capitel, não é comum. O frontão, desproporcionado face aos “toros”, patenteia uma volumetria desequilibrada numa gravação fina e pouco cuidada.

É possível que o monumento seja proveniente de Santiago, local situado nos arredores da aldeia onde, em 1904, foram recolhidas três aras, duas dedicadas a Reve e uma a Mercúrio², referenciadas por Félix Alves Pereira e por Francisco Tavares Proença Júnior³, patrono da arqueologia da Beira Baixa. O

¹ O monumento encontra-se à guarda da família. Agradecemos ao arquiteto Jorge Castel-Branco Leitão as facilidades concedidas para a sua inventariação. Foi nesta casa apalaçada que José Leite de Vasconcelos pernitoou na sua visita a Medelim de 13 para 14 de agosto de 1916: VASCONCELOS (José Leite de), «Pela Beira», *O Archeologo Português* 22 1917 301.

² GARCIA (José Manuel), *Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior. Castelo Branco: Museu de Tavares Proença Júnior*, 1984, p. 65-68.

³ Félix Alves Pereira, em visita ao local, constatou que “esta ara (...) foi encontrada em escavação ordenada em 1904 pelo Sr. Dr. José Taborda Ramos, próximo de Medelim. Com ela apareceram, mais duas aras, bastante apagadas,

topónimo Santiago manteve na memória coletiva a existência de uma capela no local, da qual há referências documentais, que poderá ter sido a perduração religiosa de um primitivo polo da geografia cultural do território de *Igaedis*, onde Júpiter “conviveu” com divindades de outros panteões.

Dimensões: 56 x 32 x 23 cm

Campo epigráfico: 32 x 35 cm

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / V(otum) · S(olvit)

Altura das letras: 8 cm.

Paginação tendencialmente segundo eixo de simetria. Caracteres actuários. O *O* surge afundado por polimento posterior e o *M* é aberto. A segunda linha é ocupada pelas duas letras iniciais da fórmula, apresentando um *V* muito aberto e um *S* pouco gravado e inclinado para diante. Em suma, um fruste trabalho do lapicida.

Não consta na epígrafe a identificação do dedicante, o que nos leva a pensar na hipótese de haver disponíveis ex-votos deste género na oficina junto ao local de culto, anónimos. Tal como na actualidade, o fiel pega numa vela que compra à entrada do templo e a acende no altar do santo da sua devoção, assim poderá ter acontecido então. Mais uma prova, por conseguinte, da popularidade do culto.

O exemplar reforça a ideia de Júpiter como a divindade dominante no território da *civitas Igaeditanorum*, tanto na capital como em contextos culturais rurais onde a devoção oficial poderá ter desempenhado, para além de uma função política, um papel protetor de comunidades, convivendo com expressões religiosas de raízes indígenas, protegendo dinâmicas económicas do quotidiano.

ambas com 0,36 m de altura. Oferecidas ao meu amigo o Sr. Tavares de Proença (Junior) (...): PEREIRA (Félix Alves), «Ruínas de ruínas ou estudos Igeditanos: I Elenco de epigraphia lusitano-romana», *O Archeologo Português* 14 1909 185-187. PROENÇA JÚNIOR (Francisco Tavares), «Inscrições inéditas», *O Archeologo Português* 15 1910 41-43.

Não dispomos de elementos capazes de nos elucidar acerca da datação da árula; contudo, não parece passível de contestação a hipótese – dado o referido ambiente cultural – de estarmos perante monumento dos primórdios da aculturação.

JOAQUIM BAPTISTA
PEDRO MIGUEL SALVADO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



896

ALTAR DEDICADO A ARASE (DAT.)
 EN VILARIÑO DA VEIGA
 (XUNQUEIRA DE AMBÍA, OURENSE)
 (*Conventus Bracarum, Hispania citerior*)

Entre los impresionantes fondos epigráficos que custodia el Museo Arqueológico Provincial de Ourense, se conserva un altar que, pese a encontrarse expuesto con su fotografía en CER.ES (*on line*) desde hace varios años, ha pasado desapercibido en la bibliografía¹. Se trata de uno de los monumentos más interesantes de la provincia de Ourense por diversas razones, como mostraremos en estas páginas.

El altar se encontraba empotrado en Vilariño da Veiga (parroquia de Santa Mariña de Bobadela a Pinta), en la fachada de una pequeña edificación del casco urbano, con la inscripción a la vista, y fue descubierto en 1995. Se conserva en el Museo Arqueológico Provincial de Ourense (inv. n.º DX0058), donde ingresó por donación de Manuel Carrera García el 15 de junio de 1996². Allí lo describimos el 12 de enero de 2023 y lo fotografió el mismo día J. M. Salgado. Lo revisamos y fotografiamos de nuevo el 4 de marzo de 2024.

Este monumento de granito se encuentra hoy bastante

¹ La noticia del hallazgo apareció en prensa, pero sin identificar la naturaleza del texto (E. Abad, en diario *La Región* (Ourense), de 29 de mayo de 1996, 14). Cf. Ficha en CER.ES, DX0058, con fotografía.

² Datos de la ficha de inventario del Museo que agradecemos a su personal técnico.

deteriorado, pues la cabecera y el zócalo – antiguamente moldurados y salientes a cuatro caras – fueron picados para adaptar el soporte a su función secundaria como bloque de construcción; de esa eliminación de las molduras sólo se libró parcialmente el lado izquierdo de la base. El fuste está muy dañado en la arista derecha, en donde las letras de los extremos han desaparecido total o parcialmente. La superficie está muy alterada, con algunos daños y rozaduras que no impiden la lectura del texto.

En el primer renglón, las letras iniciales no dejan lugar a dudas para identificar el teónimo *Arase* (dat.), seguido de cuatro caracteres de los que el primero es una V y el tercero es una R; pese a lo que pueda parecer en la primera fotografía que presentamos (Fig. 1), la primera vocal es una I, como muestra la siguiente imagen (Fig. 2) y la segunda una E.

En el segundo renglón, donde las primeras letras parecen haber sido regrabadas en fecha reciente, la O de la desinencia de dativo es un pequeñísimo círculo inscrito dentro de la C, pues la letra que va detrás es la M del *praenomen* del dedicante. Del *nomen gentile* de éste, que empezaba al final de la segunda línea, sólo se reconoce la D y se ha perdido en la arista una O que, probablemente, era de módulo pequeño.

Al comienzo del tercer renglón, una M cuya parte izquierda casi se ha perdido apoya la lectura del *nomen Domitius* (Fig. 1 y 2). Tras la letra S se encuentra una incontestable O – en ningún caso una Q – seguida de lo que una de las fotografías (Fig. 2) demuestra que es una V. La única alternativa de lectura para estas dos letras, situadas entre el *nomen* y el *cognomen* del dedicante, es *Ou[f(entina)]*, como *tribus censal* del dedicante, cuyo *cognomen Abilianus* se encuentra en la última línea.

El texto termina con un signo que parece una S por comparación con la misma letra del *cognomen*, con lo que hay que imaginar un escueto *s(olvit)*, toda vez que no hay evidencia de más caracteres.

Dimensiones: (70) x (41) x (34) cm, con un fuste de 37 x 41 x 34 cm.

El texto parece decir lo siguiente:

Arase Vire-
*ciae*Ϟ *M(arcus) D[o]-*
mitius Ou[f(entina)]
Abilianus s(olvit)

Traducción:

Marcus Domitius Abilianus, censado en la *tribus Oufentina*,
cumplió el voto para *Arase Vireciaeco* (dat.).

Las letras son capitales bastante irregulares y, en algunos casos, bastante estilizadas. Su altura es de 5,5 (v.1–2), 6 (v. 3) y 5,5 cm (v. 4) respectivamente.

No hay evidencia de interpunciones.

La divinidad a la que está dedicado el altar, *Arase* (dat.), aquí con el epíteto *Vireciaecus*, era conocida ya en otros tres epígrafes portugueses³; el primero de ellos se conserva en la capilla de São Clemente, en la aldea de Furtado (Algodres, conc. de Fornos de Algodres, dist. de Guarda) y fue dado a conocer en 1986 por F. Patrício Curado, aunque la identificación del teónimo como *Arasei* (dat.) no llegaría hasta varios años después⁴. Un

³ Agradecemos a J. C. Olivares Pedreño su ayuda en la identificación del teónimo y la comprobación de los paralelos.

⁴ F. Patrício Curado, Ara votiva de Furtado, *FE* 17, 1986, n.º 74, con fotografía (*AE* 1986, 301; *HEp* 1, 1989, 679; M.^a M. Alves Dias, Para um repertório das inscrições romanas do território português (1986), *Euphrosyne* 17, 1989, 376–377; J. M. García, *Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas*, Lisboa 1991, n.º 596a; B. Prósper, Nuevas observaciones sobre el culto a las confluencias fluviales en el Occidente de la Península Ibérica, en F. Villar Liébana – M. P. Fernández Álvarez (eds.), *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania (Actas del VIII Coloquio de Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos*, 283), Salamanca 2001, 565–568; J. L. Inês Vaz, *A civitas de Viseu. Espaço e sociedades*, Viseu 1993, 279–281 n.º 33; F. Patrício Curado, Epigrafia das Beiras (Notas e correcções – 2), *Eburobriga* 5, 2008, 127–128 n.º 4.1 y *post scriptum* en 147–148 con la identificación del teónimo (*HEp* 17, 2008, 244); J. L. Inês Vaz, *ad HEp* 17, 2008, 244 también con la identificación del teónimo.

segundo altar descubierto y conservado en Meimoa (conc. de Penamacor, dist. de Castelo Branco) invoca en la primera línea a *Arase* (dat.)⁵. Y el tercer epígrafe, un texto rupestre, es el ya famoso epígrafe de Assunção (conc. de Arronches, dist. de Portalegre) en el que el nombre de la divinidad aparece escrito como *Harase* (dat.)⁶. El epíteto *Vireciaecus* de la inscripción de Vilariño da Veiga podría ser tópico, pero tiempo habrá para que los lingüistas se ocupen de él.

La inscripción de Vilariño, con la evidencia de un altar dedicado a *Arase* (dat.), es un testimonio aislado en estas regiones tan septentrionales respecto a las otras tres evidencias de Algodres, Meimão y Arronches. Pero esos tres testimonios en tierras de Lusitanos tampoco son próximos entre sí desde el punto de vista geográfico, por lo que el nuevo ejemplo no plantea otra cuestión que el probable origen del dedicante en territorios más meridionales.

Pero aquí entra en el debate el segundo elemento de interés

⁵ F. Patrício Curado, *Epigrafia das Beiras...* 2008, 125–127 n.º 4 y *post scriptum* en 147–148 con la identificación del teónimo (*HEp* 17, 2008, 239); J. L. Inês Vaz, *ad HEp* 17, 2008, 244 también con la identificación del teónimo.

⁶ J. d'Encarnação – J. de Oliveira – Cl. Teixeira – A. Carneiro, *Inscrição votiva em língua lusitana* (Arronches, Portalegre), *Conimbriga* 47, 2008, 85–102 (*AE*, 2008, 640; *HEp* 17, 2008, 251); A. Carneiro – J. d'Encarnação – J. de Oliveira – Cl. Teixeira, *Uma inscrição votiva em língua lusitana*, *Palaeohispanica* 8, 2008, 167–178; J. Cardim Ribeiro, *Algumas considerações sobre a inscrição em 'lusitano' descoberta em Arronches*, *Palaeohispanica* 10, 2010, 41–62 (*AE* 2010, 645; *HEp* 19, 2010, 534); A. Carneiro – J. d'Encarnação – J. de Oliveira – Cl. Teixeira, *Epígrafe votiva de Arronches, notícia da sua identificação*, en F. de Oliveira – J. de Oliveira – M. Patrocínio (coords.), *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. VII Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. Évora, 10–12 de Abril de 2008*, vol. 3: *História, Arqueologia e Arte*, Coimbra 2010, 99–105; J. Cardim Ribeiro, *La inscripción lusitana de Arronches*, en J. M. Álvarez Martínez – A. Carvalho – C. Fabião (eds.), *Lusitania Romana. Origen de dos pueblos / Lusitânia Romana. Origem de dois povos. Catálogo de la exposición* (*Studia lusitana* 9), Mérida 2015, 35–40 (*AE* 2015, 533; *HEp* 2014–15, 877). Cf. J. d'Encarnação, *28 anos de estudos sobre religião na Lusitânia romana*, en T. Nogales (ed.), *Lusitania. Del pasado al presente de la investigación romana. IX Mesa redonda internacional de Lusitania*, Mérida 2017, 54–55.

de este altar, que es el nombre de ese dedicante, con *tria nomina*, un *cognomen* poco frecuente y una *tribus*, la *Oufentina*, ajena a los censos de las ciudades de Hispania, en donde sólo se conocía hasta ahora en otra inscripción de Los Beatos (Murcia)⁷. Allí se ha identificado a un tal [- *F*]avonius [- - -] Rufus Ouf(entina tribu), que debería ser un inmigrante de procedencia itálica. También en el caso de Vilariño da Veiga habría que pensar en un personaje procedente de la península itálica o en uno de sus libertos⁸, pues la *tribus Oufentina* no fue empleada para el censo de ciudadanos romanos en provincias⁹. Respecto a *Abilianus*, estamos ante la primera evidencia identificada hasta la fecha del masculino de este *cognomen*¹⁰, que sólo conocemos por el testimonio en femenino de un epígrafe de Tarragona¹¹.

La dificultad radica en combinar la dedicación a *Arase* (dat.) con la presencia de un inmigrante censado en la *tribus Oufentina* que debería haber llegado a estos confines de la Hispania citerior desde el corazón de Lusitania. Son diversas las explicaciones que se podrían aducir, pero la solución más sencilla es considerar que el dedicante, de origen indígena y seguramente un lusitano, fue liberto de un inmigrante itálico.

No es posible precisar la cronología del altar, que debe situarse genéricamente entre los siglos I y III.

JUAN MANUEL ABASCAL PALAZÓN

⁷ B. Díaz Ariño – J. A. Antolinos Marín, Una inscripción republicana procedente de Los Beatos (Cartagena, Murcia), *ZPE* 179, 2011, 291–294 (*AE* 2011, 587; *HEp* 20, 2011, 406).

⁸ Agradecemos la sugerencia a M.^a P. González-Conde.

⁹ J. W. Kubitschek, *Imperium Romanum tributim discriptum*, Prag – Wien 1889 (Roma 1972²), 271.

¹⁰ I. Kajanto, *The Latin cognomina* (*Societas Scientiarum Fennica. Commentationes Humanarum Litterarum* 36, 2), Helsinki 1965, 139; H. Solin – O. Salomies, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim – Zürich – New York 1988, 287.

¹¹ Alföldy, *CIL* II²/14, 1046 (= II 4149). Se trata de la esposa del beneficiario consular *Antonius Saturninus*.



FIG. 1

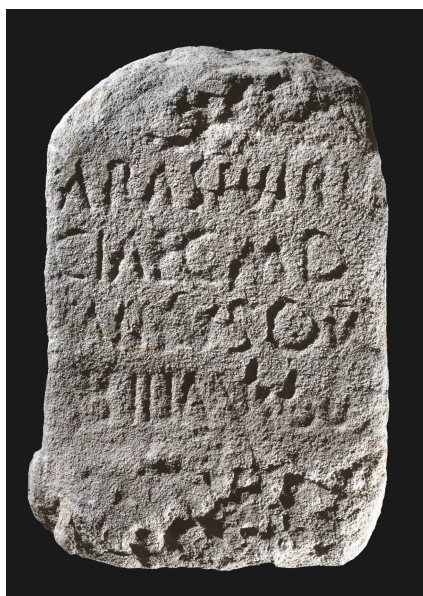


FIG. 2

897